

NO RASTRO DO CRIME

Capítulo 5

CENA 1. IML. CORREDOR. MANHÃ**1**

2 DE OUTUBRO DE 2016. DOMINGO.

O investigador ALBERTO COOPER e MARLENE GONÇALVES, a médica legista do IML, caminham por um corredor do Instituto Médico Legal.

Após andar alguns metros, eles chegam até uma porta e param.

MARLENE GONÇALVES

(colocando a mão na maçaneta da porta e olhando para a face de Alberto)

Tem certeza de que quer fazer isso?

ALBERTO COOPER

Quantas vezes já fiz isso?!

MARLENE GONÇALVES

Você sabe que é diferente.

ALBERTO COOPER

(empurrando a porta e entrando)

Vamos logo!

CENA 2. IML. SALA DE NECROPSIA. MANHÃ**2**

ALBERTO COOPER e MARLENE entram na sala de necropsia do IML.

Marlene fecha a porta.

Eles caminham até se aproximar de uma das macas.

Close na expressão de Alberto Cooper enquanto caminha. Ele parece lutar contra o nervosismo.

POV DE ALBERTO COOPER

Um corpo está sobre uma maca, coberto por um TECIDO.

A imagem do corpo sobre a maca se aproxima na medida em que Alberto caminha.

(CONT.)

VOLTA À CENA

Ao chegar até a maca, Marlene analisa a expressão de Alberto. Alberto faz um sinal positivo de cabeça e Marlene descobre a cabeça de JOÃO LOPES.

Close na expressão de Alberto ao se deparar com o cadáver de seu amigo. Parecendo surpreso e nervoso, ele engole a saliva.

POV DE MARLENE

Com luvas nas mãos, Marlene indica o corte no pescoço de João.

MARLENE GONÇALVES (O.S.)

Bem, o assassino usou apenas um punhal. E foi só um corte no pescoço. Não encontrei nenhum hematoma no corpo.

VOLTA À CENA

A expressão de Alberto Cooper revela o ódio que sente. Marlene estuda a expressão de Alberto.

MARLENE GONÇALVES

Já sabe quem foi?

ALBERTO COOPER

Sim. Temos uma fotografia que conseguimos na empresa em que ele trabalhava.

MARLENE GONÇALVES

(voltando a olhar para o corpo de João Lopes)

Coitada da esposa dele.

Alberto não fala nada.

Marlene cobre o rosto de João Lopes com o TECIDO.

MARLENE GONÇALVES

Será que o MICHAEL vai permitir que você continue no caso?

(CONT.)

ALBERTO COOPER

Por que me tiraria do caso? Ele não vai fazer isso!
Agora tenho mais um motivo para pegar esse filho da
puta!

Pausa. Marlene olha para o corpo de João coberto sobre a maca.

MARLENE GONÇALVES

Coitado. João não merecia isso.

CENA 3. CEMITÉRIO. TARDE.

3

3 DE OUTUBRO DE 2016. SEGUNDA-FEIRA

Um caixão está próximo à sepultura.

MARLENE GONÇALVES, VERA LOPES (esposa de JOÃO LOPES), GUSTAVO LOPES (filho de João Lopes), ALBERTO COOPER e MICHAEL SELTZER estão presentes no enterro. Todos estão vestidos com roupas pretas. Alguns policiais fardados também estão presentes.

Ao lado da entrada do cemitério, vários carros estão estacionados, entre eles inúmeras viaturas policiais e alguns carros da imprensa.

Em pé ao lado do caixão, um PASTOR segura uma Bíblia enquanto fala.

PASTOR

Esposo dedicado e pai amoroso...

INSERT:

Imagem do caixão coberto por uma bandeira em homenagem (pode ser com o brasão da policia civil ou com a bandeira do Brasil).

PASTOR (CONT.) (O.S.)

... essa deveria ser a inscrição sobre o túmulo de João Lopes, um homem bom, que deixará saudades em todas as pessoas que o conhecia...

A voz do pastor diminui até se calar.

(CONT.)

O caixão começa a descer até a sepultura.

Vera suspira e chora.

Alberto olha com seriedade para o caixão.

Os coveiros se aproximam e começam a lançar a terra sobre o caixão.

FADE OUT

CENA 4. INT. CASA DE JOÃO LOPES. TARDE

4

Após o enterro de JOÃO LOPES, VERA e GUSTAVO entram na casa. Eles usam óculos escuros.

Em silêncio, Vera caminha até próximo da estante.

Gustavo segue sua mãe.

Ao chegar até a estante, Vera apanha um porta-retratos que está próximo da televisão.

POV DE VERA

No porta-retrato está uma fotografia de Vera abraçada em João Lopes.

VOLTA À CENA

Olhando para a fotografia, Vera começa a chorar.

Gustavo aproxima-se de sua mãe e a abraça.

CENA 5. SALA DE ALBERTO COOPER.

5

Dentro da delegacia, ALBERTO COOPER e o delegado MICHAEL SELTZER caminham por um corredor. Alberto está visivelmente impaciente.

MICHAEL SELTZER

Não sei o que está acontecendo, Alberto! Mas não vou permitir que você continue nesse caso.

(CONT.)

Alberto chega à sua sala e abre a porta. Os dois entram e Michael fecha a porta.

Alberto aproxima-se de sua poltrona e se senta, enquanto Michael se senta na cadeira que fica em frente à escrivaninha.

ALBERTO COOPER

(massageando a nuca com a palma da mão)

Mas você não pode fazer isso! Não agora que tenho um nome!

MICHAEL SELTZER

Sim! Você tem um nome! E "ele" sabe disso! O que você acha que ele vai fazer? Todos já sabem que ele não tem medo e não há a mínima possibilidade de rendição.

ALBERTO COOPER

E porque me tirar do caso logo agora? No que isso vai mudar?

MICHAEL SELTZER

Bem, a morte de João é o motivo. Se tornou pessoal agora.

ALBERTO COOPER

Sim, a morte dele é motivo pra eu continuar no caso. Mas não é a morte de João que estou investigando.

Silêncio.

Michael Seltzer estuda a expressão irredutível e resoluta de Alberto Cooper.

MICHAEL SELTZER

Tudo bem. Mas quero esse "filho da puta" preso antes que ENVIAR O CASO PRO MINISTÉRIO PÚBLICO. Lembrando que já se fazem 16 dias que ela foi assassinada. Esse é o tempo que você tem. Mas...

(CONT.)

Michael dá uma pausa e pensa antes de concluir.

MICHAEL SELTZER (CONT.)

Só me responda uma coisa, o que o faz acreditar que vai conseguir pegar ele?

ALBERTO COOPER

É ele quem vai vir até mim. No seu caso, pode divulgar o retrato dele pra a imprensa. Não estamos mais atrás de apenas um suspeito.

CENA 6. CASA DE CLARK MEISINGER. DIA

6

3 DE OUTUBRO DE 2016.

O MORDOMO RUI está em pé em meio à sala da casa da família Meisinger.

BRUNA LEWIS, a esposa de CLARK MEISINGER, aproxima-se. Ela está muito bem vestida. Bruna se senta no sofá e começa a avaliar o interior de sua bolsa.

MORDOMO RUI

Tem certeza de que vai fazer isso?

BRUNA LEWIS

Tenho, Rui. Preciso ver meu marido.

Bruna fecha a bolsa.

BRUNA LEWIS (CONT.)

Sabe, Rui, até hoje não entendo o que aconteceu com o pai de Clark.

MORDOMO RUI

É. Foi um mistério mesmo. E porque só agora pensou sobre isso?

(CONT.)

BRUNA LEWIS

(levantando-se do sofá)

Sempre pensei sobre isso. Só nunca comentei. A morte dele foi um mistério, bem diferente do que aconteceu com Tea.

MORDOMO RUI

Verdade. Coitada. Caiu em depressão após a morte de Ricardo. Presenciei cada momento do sofrimento dela.

BRUNA LEWIS

Será que foi só isso mesmo?

Rui encara os olhos de Bruna e se aproxima.

MORDOMO RUI

Sabe, senhora Bruna, vou te falar uma coisa, um segredo. Nunca falei sobre isso com ninguém.

BRUNA LEWIS

O que é, Rui?

MORDOMO RUI

A senhora Tea desconfiava de Clark.

BRUNA LEWIS

(curiosa)

Desconfiava? Do quê?

MORDOMO RUI

De que Clark... Bem, de que Clark mandou matar Ricardo.

Bruna abre a boca espantada.

(CONT.)

MORDOMO RUI

É isso mesmo! A coitada não queria, não suportava esses pensamentos, mas não conseguia evitar que lá no fundo desconfiava de Clark.

BRUNA LEWIS

Meu Deus, Rui! Que coisa! Mas será?

INSERT:

Imagem de CLARK MEISINGER sentado em sua cadeira de rodas, solitário em uma sala na clínica em que está internado. A câmera aproxima-se de sua face até "focar" nos olhos distantes.

MORDOMO RUI (V.O.)

Sinceramente, eu não duvido. Clark sempre foi um garoto mimado e frio. Nunca foi amoroso com os pais.

CENA 7. EXT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA. DIA

7

Substitui-se a imagem do rosto de CLARK com a imagem de um carro estacionando ao lado da rua, em frente à clínica psiquiátrica onde Clark está internado.

A porta se abre e BRUNA LEWIS sai do carro.

Ela se afasta do carro, mas acaba voltando para pegar a bolsa que se esqueceu sobre o banco.

Após fechar novamente a porta, ela se afasta do carro, caminhando na direção da entrada da clínica.

CENA 8. INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA. DIA

8

Algum tempo se passa.

BRUNA LEWIS e a ENFREMEIRA LOURDES caminham por um corredor até chegar à porta da sala em que CLARK está internado.

(CONT.)

ENFERMEIRA LOURDES

(parando em frente uma porta)

É aqui. Sabe, senhora, às vezes me dá pena dele. Não entendo o porquê ele não se recupera.

BRUNA LEWIS

O que acontece?

ENFERMEIRA LOURDES

Ele já se recuperou da maioria dos ferimentos, mas parece estar distante. O psiquiatra também não entende o porquê ele não fala. Foi feito até uma ressonância da cabeça, mas não apareceu nada nos resultados.

BRUNA LEWIS

Ele compreende o que está acontecendo?

ENFERMEIRA LOURDES

Às vezes parece que sim, outras vezes parece que não. Parece que tem um bloqueio. Sei lá!

A enfermeira Lourdes abre a porta.

CENA 9. INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA. DIA

9

Bruna entra na sala em que Clark está internado. O ambiente é típico de uma sala de internamento para pacientes com problemas psicológicos graves.

Close na expressão de CLARK MEISINGER, que está sentado em sua cadeira de rodas. Ele parece não reconhecer BRUNA LEWIS. Nem mesmo olha na direção em que ela está.

ENFERMEIRA LOURDES

Vou deixar vocês sozinhos.

(CONT.)

Bruna sorri para a enfermeira antes de ela sair da sala.

A porta se fecha e Bruna olha para Clark.

Bruna apanha uma cadeira que está na sala e a coloca ao lado da cadeira de rodas em que Clark está sentado.

BRUNA LEWIS

Oi Clark, meu amor.

Como Clark não move nem mesmo os olhos, como se não visse nada, Bruna coloca o rosto em frente à face de Clark, mas ele não reage, continuando distante, como se não distinguisse nada que está em sua frente.

Bruna faz carinho nos cabelos de Clark.

BRUNA LEWIS

(com os olhos cheios de lágrimas)

Não lembra de mim, meu amor? Sou eu. Sua esposa.

Clark permanece distante, sem nenhuma reação.

Bruna limpa uma lágrima que sai dos olhos.

BRUNA LEWIS (CONT.)

Eu trouxe uma coisa pra você. Acho que você vai gostar.

Bruna coloca a bolsa sobre as pernas e retira dela um álbum de fotografias.

BRUNA LEWIS

São fotos.

Bruna abre o álbum em frente os olhos de Clark.

BRUNA LEWIS

Vê essa? Estávamos há três meses juntos. Lembra?

(CONT.)

Imagem de uma fotografia de Clark e Bruna abraçados em algum lugar.

Bruna folheia o álbum.

BRUNA LEWIS

Essa é de seus pais. Você deve se lembrar.

Imagem de uma fotografia de RICARDO MEISINGER e TEA MEISINGER.

Close na expressão de Clark. Ele reage diante à fotografia de seus pais. Geme. Tenta balbuciar alguma palavra, mas não consegue e se aquieta.

Os olhos de Clark se enchem de lágrimas e ele chora, MAS SUA EXPRESSÃO NÃO SE ALTERA.

BRUNA LEWIS

Isso, amor. Reage. Temos muito "o que" conversar. Principalmente sobre o que você fez.

POV DE CLARK MEISINGER

A imagem de fotografia de Ricardo e Tea começa a se apagar.

FADE OUT

CENA 10. INT. CASA DE CLARK. SALA. NOITE. 1994 (FLASHBACK) 10

Imagem de fogo na lareira.

CARACTERES INDICAM O ANO DE 1994 NO CANTO INFERIOR DA TELA.

A câmera se afasta da lareira a aproxima-se de TEA MEISINGER. Tea está sentada em uma poltrona que fica próximo da lareira. Está frio e Tea usa um roupão aconchegante.

Em outra poltrona, CLARK MEISINGER está sentado. Clark está visivelmente mais jovem e também está vestido com um roupão.

Ambos seguram cada um uma taça de bebida.

Clark olha para um quadro que está pendurado acima da lareira.

(CONT.)

POV DE CLARK MEISINGER

No quadro acima da lareira há uma fotografia de TEA, RICARDO e CLARK. Ricardo Meisinger está no meio, abraçando a esposa e o filho.

VOLTA À CENA

Tea acompanha os olhos do filho.

Após olhar para a fotografia, ela volta a olhar para o rosto de Clark.

TEA MEISINGER

Em que está pensando? Lembrou de alguma coisa?

CLARK MEISINGER

(dissimulado)

Do pai. Sempre lembro dele.

TEA MEISINGER

(em tom acusatório)

Às vezes tenho a impressão de que sinto culpa de alguma coisa.

Clark se surpreender com argumento da mãe.

CLARK MEISINGER

Não! Não tenho motivos para sentir culpa. Sinto saudade.

Silêncio.

TEA MEISINGER

(triste)

Ele não deixou apenas saudades. Às vezes tenho a impressão de que deixei de viver no dia em que ele morreu. Era apenas nós dois nessa casa.

(CONT.)

CLARK MEISINGER

Mas não pode sentir isso pra sempre. A senhora precisa viver um pouco. Sair mais dessa casa.

Tea ri.

TEA MEISINGER

Não. Na rua sinto ainda mais a falta dele. Mas deixe isso pra lá. Difícil lembrar e falar é bem pior. Nada muda.

Tea pensa por algum tempo, olhando para o vazio, e toma um gole de bebida.

TEA MEISINGER

Bem... está tarde. Melhor irmos pra cama.

CLARK MEISINGER

É. Está tarde. E amanhã tenho muitas pendências para resolver na Meisinger.

Clark toma o último gole de bebida. Coloca a taça sobre uma mesa de centro e se levanta da poltrona.

CENA 11. INT. CARRO DE CLARK. TARDE. 1994 (FLASHBACK)

11

CLARK MEISINGER está dirigindo seu carro. Uma música suave está tocando no interior do carro.

INSERT:

Imagem exterior do carro dobrando em uma esquina, entrando na rua onde se localiza a casa da família Meisinger.

VOLTA À CENA

Assim que o carro "vira" na esquina, a expressão de Clark torna-se surpresa ao ver algo que lhe chama a atenção.

(CONT.)

POV DE CLARK

Na rua, em frente à casa da família Meisinger, há algumas viaturas policiais e uma viatura do IML estacionadas. Algumas pessoas curiosas circulam pelo local e policiais militares impedem que elas ultrapassem a faixa de isolamento.

VOLTA À CENA

CLARK acelera o carro. Segundos depois o carro aproxima-se de sua casa e ele pisa "fundo" no freio, estacionando o carro de qualquer jeito ao lado da rua.

Com mau presságio e aflito, Clark sai apressado do carro.

Alguns policiais caminham na direção dele para impedi-lo de entrar na casa, mas Clark é mais rápido e logo entra na casa.

Algumas pessoas o reconhecem e olham de forma diferente para Clark enquanto ele entra na casa.

CENA 12. INT. CASA DE CLARK. TARDE. 1994 (FLASHBACK)

12

Assim que CLARK MEISINGER entra na casa, um homem se aproxima. É o investigador Alberto Cooper, 12 ANOS MAIS JOVEM.

Ao lado de Alberto, o investigador JOÃO LOPES se aproxima. Ele também está visivelmente mais jovem.

ALBERTO COOPER

Senhor Clark Meisinger?

CLARK MEISINGER

(alternando um olhar aflito entre a face dos
investigadores)

O que aconteceu?

Clark olha ao redor e percebe que o MORDOMO RUI, em algum lugar afastado da casa, está chorando. Uma mulher o consola.

Clark fica mais aflito ao ver o mordomo chorando.

CLARK MEISINGER

Onde está minha mãe?!

(CONT.)

ALBERTO COOPER

O senhor precisa ficar calmo. Sua mãe está lá em cima. Ela...

CLARK MEISINGER

(olhando para a escada que dá para o segundo pavimento da casa)

Diga logo! O que aconteceu com ela?

Alguns homens se aproximam de onde está Alberto, João Lopes e Clark.

ALBERTO COOPER

Sua mãe cometeu...

Alberto não termina a frase e Clark caminha na direção da escada. Os homens se colocam em sua frente para impedir a passagem.

ALBERTO COOPER

O senhor precisa ficar calmo.

CLARK MEISINGER

(ficando cada vez mais nervoso)

O que há lá em cima? Me deixem passar! Quero ver minha mãe! Preciso ver ela!

Dois homens se colocam na frente de Clark quando ele tenta se esquivar para subir às escadas.

ALBERTO COOPER

Ela... ela está morta, senhor Clark.

Clark avança na direção dos homens.

CLARK MEISINGER

Me deixem passar! Seus... Me deixem passar!

(CONT.)

Os homens agarram Clark e esse entra em desespero e cai no chão. Os homens o imobilizam.

A cena passa a ser vista de cima, de Clark caído no chão, gritando em desespero e lutando para livrar-se dos homens que impossibilitam que ele se levante e suba às escadas.

A câmera dá um giro horizontal, "percorrendo" a escada que leva ao segundo pavimento e um corredor onde há algumas portas.

Uma das portas do corredor está aberta.

A câmera se aproxima da porta e entra em um quarto.

É um quarto grande. Uma SUÍTE ampla e ricamente mobiliada.

A câmera passa pelo quarto e se aproxima de uma cômoda, "passando" por uma fotografia de Tea e RICARDO MEISINGER abraçados.

A câmera afasta-se da fotografia, desce ao nível do chão e entra no banheiro.

Ao entrar no banheiro, a câmera aproxima-se da lateral de uma banheira. Uma mão está caída para fora da banheira, com cortes no pulso e sangue coagulado na ponta dos dedos.

A câmera sobe lentamente e filma o corpo nu de Tea Meisinger mergulhado na água vermelha de sangue. A outra mão está dentro da banheira e o sangue emitido do corte no pulso dessa mão fez com que a água da banheira ficasse vermelha.

A imagem do corpo de Tea se apaga.

CENA 13. INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA. DIA

13

A imagem do corpo de TEA MEISINGER se apaga e surge o rosto de CLARK MEISINGER sentado em sua cadeira de rodas.

BRUNA LEWIS está sentada ao lado de Clark. Bruna seca as lágrimas e olha com PIEDADE para Clark.

BRUNA LEWIS

(com voz suave)

O que há de errado contigo, Clark, meu amor? Por que as pessoas se machucam? Parece que ninguém sobrevive. Não da sua família.

Close nos olhos de Clark. Eles estão cheios de lágrimas. Por um instante, ele parece compreender o que Bruna diz.

(CONT.)

BRUNA LEWIS (CONT.)

Eu sei o que você sente pelo EDUARDO. O ódio. Sem motivo. E por mais que... por mais que isso aconteceu com você... eu sinto que você tem alguma culpa na morte daquela garota.

Uma lágrima cai dos olhos de Clark.

INSERT: QUARTO DE MOTEL. NOITE

Imagem de Clark sentado no chão do quarto do motel na noite em que MANUELE CAVALHAIS foi assassinada. Clark está apavorado, com os mesmos ferimentos no rosto.

SOB O PONTO DE VISTA DE CLARK, surge a imagem de CLEISON BOYLE sobre a cama, mantendo Manuele entre as pernas na noite em que cometeu o crime. Cleison segura o punhal para cima e arremete contra o corpo de Manuele.

Clarão de luz.

VOLTA À CENA

Bruna continua na sala em que Clark internado. Ela está chorando e olha para a face de Clark com certa REPULSA.

BRUNA LEWIS

E... eu vim aqui só pra te dizer que não vou ter o mesmo fim que sua mãe teve. Que estou saindo daquela casa. Seu... seu...

Close na expressão de Bruna. A repulsa parece se converter em ódio, aversão.

BRUNA LEWIS

Seu monstro. Você só me fez sofrer naquela casa. Quer saber a verdade? Você tá pagando por tudo o que fez. Eu... agora eu sei quem você é.

Os olhos FRIOS de Clark parecem compreender as últimas palavras de Bruna.

(CONT.)

Algum tempo se passa.

Bruna está em pé ao lado da porta e olha com REPULSA para a imagem de Clark sentado em sua cadeira de rodas.

Clark não esboça qualquer sentimento, apenas os olhos marejados de lágrimas, como se seu único sentido fosse a visão.

Bruna limpa as lágrimas, abre a porta e sai da sala.

CENA 14. CASA DE EDUARDO RADMIM. NOITE

14

03 DE OUTUBRO DE 2016. SEGUNDA-FEIRA.

Close shot de EDUARDO RADMIM.

Parecendo cansado e distraído, ele está sentado no sofá e olha para a televisão, que reproduz um filme de drama.

INSERT: (lembração de Eduardo)

Dentro de uma sala de uma maternidade, Eduardo Radmim, 20 anos mais jovem, está sentado em uma poltrona. Ele segura MANUELE CAVALHAIS, uma criança recém-nascida, nos braços. Em uma cama ao lado, JÚLIA CAVALHAIS, também mais jovem, observa Eduardo segurar sua filha.

EDUARDO RADMIM

Meus Deus! Como ela é linda! Já decidiu sobre o nome dela?

JÚLIA CAVALHAIS

Manuele. Eu acho um nome bonito.

EDUARDO RADMIM

Como ela. Minha pequena Manu.

A imagem do rosto do bebê se apaga gradativamente.

VOLTA À CENA

A imagem do rosto do bebê é substituída pela imagem da televisão na estante reproduzindo o mesmo filme de drama.

(CONT.)

Close no rosto de Eduardo olhando para a televisão, com olhos e expressão vazios.

A face de Eduardo começa a se apagar.

INSERT (lembração de Eduardo).

Eduardo Radmim e CLARK MEISINGER estão dentro de uma sala de reuniões da empresa Meisinger. Ambos estão em pé, no MEIO DE UMA DISCUSSÃO.

Clark está irritado e se mantém apoiado com os punhos cerrados sobre a mesa, olhando firmemente para o rosto de Eduardo.

CLARK MEISINGER

(ríspido)

Está empresa é da minha família! Aqui não é seu lugar! Será que não percebe?! Que não tem vergonha?!

Ao contrário de Clark, Eduardo está calmo e sorri, como um adulto olhando para uma criança irritada.

Essa atitude indiferente deixa Clark mais irritado.

EDUARDO RADMIM

A empresa pode até ser da sua família. Mas você não tem poder sobre todos. E eu não vou sair daqui.

A imagem da face cheia de ódio se apaga.

VOLTA À CENA

Surge novamente a imagem de Eduardo sentado no sofá, em frente à televisão.

CRISTIANE GRAÇA, a esposa de Eduardo, se aproxima e se senta ao lado do marido. Ela cruza as pernas e apóia a cabeça com a palma da mão. Permanecendo nessa posição, ela analisa a expressão de Eduardo por alguns segundos. Ele continua distraído, tanto que nem percebeu Cristiane se sentar ao seu lado.

Cristiane desvia os olhos para a televisão e volta a olhar para o rosto do marido.

(CONT.)

CRISTIANE GRAÇA

Oi. Tem alguém aí?

Eduardo desperta e percebe a esposa sentada ao seu lado, com um sorriso.

EDUARDO RADMIM

Ah... o que disse?

Cristiane não responde, apenas sorri.

EDUARDO RADMIM (CONT.)

(pressionando a testa com os dedos)

Ah, desculpe. Eu... nem percebi você chegar.

CRISTIANE GRAÇA

Eu sei disso.

EDUARDO RADMIM

Desculpe. Estou cansado.

CRISTIANE GRAÇA

Entendo.

Cristiane dá uma pausa e estuda a expressão de Eduardo.

CRISTIANE GRAÇA

Pode ser sincero comigo, Ed. Eu sei que estava pensando em outra coisa.

O silêncio de Eduardo concorda com as palavras de Cristiane.

CRISTIANE GRAÇA

Mas... eu sei que é difícil, mas você precisa esquecer o que aconteceu, Ed.

(CONT.)

Cristiane estuda a expressão pensativa de Eduardo.

CRISTIANE GRAÇA (CONT.)

Você não pode ficar se culpando pelo o que aconteceu.

EDUARDO RADMIM

Mas eu... eu tive culpa. Eu... a verdade é que abandonei minha filha, Cris. Ela deve ter me odiado por isso.

CRISTIANE GRAÇA

Não, Ed. Clark teve culpa no que aconteceu. Só ele.

EDUARDO RADMIM

Sim. Mas isso não me livra da minha culpa. Meu Deus! E tudo isso por causa de uma briga idiota. Tudo por orgulho...

CRISTIANE GRAÇA

Sabe, Ed? Eu nunca consegui entender o que acontecia entre vocês. Algo tão... tão infantil.

EDUARDO RADMIM

Eu nunca o odiei, Cris. Ele sim, me odiava. E eu também nunca entendi.

CRISTIANE GRAÇA

Será que sentia inveja?

EDUARDO RADMIM

Não sei. Mas pode ser. Desde a faculdade, eu sempre fui mais destacado do que ele. Tinha mais amigos... E ele não concordava com isso.

(CONT.)

CRISTIANE GRAÇA

Você me disse uma vez que ele quase enlouqueceu quando descobriu que você estava trabalhando na Meisinger.

EDUARDO RADMIM

É. Mas o que minha filha tinha a ver com isso?

CRISTIANE GRAÇA

O que ainda não entendo é... quem faria aquilo com ela?

Eduardo se cala.

CRISTIANE GRAÇA (CONT.)

Só espero que peguem o monstro que fez aquilo.

CORTA PARA

CENA 15. EXT. CASA DE MARCELO DIAS.

15

04 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA.

Close na face de ALBERTO COOPER enquanto dirige seu carro, IMAGEM ESTA QUE RESPONDE AO PEDIDO DE CRISTIANE DA CENA ANTERIOR. Alberto pisa no freio e o carro estaciona ao lado de uma rua.

Alguns segundos se passam e Alberto Cooper se afasta do carro, que está estacionado em frente à casa de MARCELO DIAS, o líder do setor de logística que provavelmente conhece CLEISON BOYLE.

Alberto se aproxima da casa e bate na porta.

Segundos depois a porta se abre.

POV DE ALBERTO COOPER

Segurando uma latinha de cerveja, um homem surge ao abrir a porta. É MARCELO DIAS. Marcelo é moreno escuro, de cabelos curtos e pretos, usa uma camiseta regata e um calção jeans.

(CONT.)

MARCELO DIAS

Bom dia.

ALBERTO COOPER

Bom dia. Marcelo Dias?

MARCELO DIAS

Sim.

CORTA PARA

CENA 16. INT. CASA DE MARCELO DIAS. SALA

16

ALBERTO COOPER e MARCELO DIAS estão sentados em sofás de uma sala.

Uma televisão está ligada e reproduz um jogo de futebol.

Ao lado do sofá em que Marcelo está sentado, há algumas latinhas de cervejas vazias.

Marcelo rompe o lacre de outra latinha.

MARCELO DIAS

Cerveja?

ALBERTO COOPER

Não, obrigado.

Marcelo toma um gole de cerveja.

MARCELO DIAS

Certeza? Tá bem gelada.

ALBERTO COOPER

Não.

(CONT.)

MARCELO DIAS

(com naturalidade)

Minha mãe me disse que vocês estiveram me procurando.

ALBERTO COOPER

Sim. Estive na Meisinger, procurando por um suspeito de um crime. Conversei com MAURÍCIO e ele me disse que você conversava com a pessoa que procuramos.

Indiferente à situação, Marcelo toma mais um gole de cerveja.

MARCELO DIAS

De que crime está falando? E que é a pessoa que procuram?

ALBERTO COOPER

Estou falando do assassinato da garota de programa que estava com o presidente da Meisinger.

Impressionado, Marcelo quase se afoga com a cerveja ao ouvir a resposta de Alberto.

MARCELO DIAS

Sério?! E quem é a pessoa que procuram?

ALBERTO COOPER

CLEISON BOYLE.

MARCELO DIAS

O quê? O Cleison!

ALBERTO COOPER

Se for o mesmo Cleison que estamos falando! Na verdade, temos certeza de que ele é autor dos crimes.

(CONT.)

SURPRESO, Marcelo Dias olha para o vazio, parecendo não acreditar no que ouvira.

ALBERTO COOPER (CONT.)

Ainda não sabemos o que o motivou a praticar os crimes. Mas temos certeza de que foi ele.

Pausa.

ALBERTO COOPER (CONT.)

Maurício me disse que você costumava conversar com Cleison.

MARCELO DIAS

Sim. Era um cara tão... tão calmo. Por isso é difícil acreditar que ele fez isso.

ALBERTO COOPER

Mas foi! Por isso preciso saber de tudo que sabe a respeito de Cleison. Por acaso você sabe de algum lugar que ele freqüentava?

MARCELO DIAS

Cleison era um cara estranho.

ALBERTO COOPER

Estranho?

MARCELO DIAS

É. Ele freqüentava uma igreja evangélica. Não sei onde fica essa igreja. E falava sobre a Bíblia. Chegava a ser chato. Mas em outras vezes deixava de ir à igreja pra beber.

ALBERTO COOPER

Em bar?

(CONT.)

MARCELO DIAS

Sim. Já saímos algumas vezes juntos pra beber.

ALBERTO COOPER

Pra onde costumavam ir?

MARCELO DIAS

Bar. Na maioria das vezes.

ALBERTO COOPER

E iam sempre ao mesmo bar?

MARCELO DIAS

Sim. É um bar que fica próximo da Meisinger. Mas...

Marcelo dá uma pausa e fixa um olhar incrédulo no rosto de Alberto Cooper.

MARCELO DIAS (CONT.)

Mas... você tem certeza de que foi ele? Por que ele faria isso?

ALBERTO COOPER

Sim. Inclusive, esse filho da puta matou um amigo meu.

Marcelo olha com firmeza e gravidade para o rosto de Alberto.

MARCELO DIAS

Meu Deus! Como a gente se engana com as pessoas. Achei que fosse um homem bom.

ALBERTO COOPER

Estava enganado. É um monstro e não pode ficar solto. Espero que entenda o que estou falando.

(CONT.)

MARCELO DIAS

Claro.

ALBERTO COOPER

Bem, agora preciso do endereço dos lugares que Cleison frequentava. Só tenho mais uma pergunta. Alguma vez Cleison falou o nome de MANUELE pra você?

MARCELO DIAS

Sim. Disse. Mas sempre falava nela quando bebia. Dizia que era a mulher mais linda do mundo.

ALBERTO COOPER

Parecia obcecado por ela?

MARCELO DIAS

Pelo que me dizia, parecia admirar ela. Mas parecia obcecado pela quantidade de vezes que falou nessa menina AO LONGO DE QUASE DOIS ANOS. Nunca me falou ela onde morava ou o que ela fazia. Às vezes acreditava que era uma ilusão dele.

ALBERTO COOPER

E você nunca ficou curioso em saber quem era ela?

MARCELO DIAS

Nunca. Sempre que ele falava nela estava bêbado.

ALBERTO COOPER

É? E sobre o que ele falava?

MARCELO DIAS

(assumindo uma expressão pensativa)

Sempre a mesma coisa. Que viu ela apenas duas vezes. Quando conheceu ela e uma vez no centro. DISSE QUE ESPERAVA UM DIA ENCONTRÁ-LA. Por isso acho que era uma loucura dele.

(CONT.)

ALBERTO COOPER

Só isso?

CENA 17. BAR. NOITE

17

04 DE OUTUBRO DE 2016. TERÇA-FEIRA.

CLEISON BOYLE está apoiado em um balcão de um bar. Ele olha distraidamente para um copo de bebida que está sobre o balcão.

MARCELO DIAS (V.O.)

Dizia que um dia iria encontrar ela de novo e não deixaria ela escapar.

Cleison apanha o copo e toma um gole de bebida.

Um garçom do outro lado do balcão segura uma garrafa. Seu nome é MARLOM, é loiro, alto, magro e tem o perfil do jovem descolado que gosta de "curtir" a noite.

Cleison faz um gesto permissivo e o garçom MARLOM coloca mais bebida no copo.

INSERT:

Imagem da bebida caindo da garrafa no copo.

VOLTA À CENA

COM EXPRESSÃO SÉRIA, Cleison toma outro gole de bebida.

CENA 18. INT. BAR. NOITE

18

ALBERTO COOPER aproxima-se da entrada de um bar. É o mesmo bar em que CLEISON BOYLE está. Alberto dá a última tragada no cigarro e joga a guimba no chão antes de se aproximar da porta do bar. Ele cumprimenta um segurança que está ao lado da porta e entra.

POV DE ALBERTO COOPER

A porta se abre e Alberto entra no bar.

(CONT.)

Muitas pessoas estão espalhadas no interior do bar, algumas sentadas em mesas, outras em pé. Mulheres jovens e bonitas, vestidas com roupas sensuais, caminham e dançam no interior do bar.

VOLTA À CENA

Alberto caminha alguns passos na direção de uma porta que fica aos fundos do bar, em um canto escuro.

CENA 19. INT. BAR. NOITE

19

A mão de CLEISON BOYLE coloca o copo vazio sobre o balcão. Após ter engolido o último gole de bebida, Cleison cruza um olhar pelas pessoas que estão dentro do bar.

POV DE CLEISON BOYLE

ALBERTO COOPER caminha no interior do bar. Ele não percebe que Cleison Boyle está próximo do balcão e o observa.

VOLTA À CENA

Cleison vira o rosto para o lado oposto de onde Alberto Cooper caminha.

MARLOM

Mais bebida?

CLEISON BOYLE

Não, obrigado.

Cleison coloca a mão dentro do bolso da calça, retira e a bate sobre o balcão. Ele abre a mão e a afasta do balcão, deixando algumas cédulas de dinheiro sobre o balcão.

CLEISON BOYLE

Pode ficar com o troco.

(CONT.)

Cleison levanta-se do banco se afasta do balcão.

CENA 20. INT. BAR. NOITE

20

ALBERTO COOPER caminha na direção de uma porta que fica aos fundos do bar.

Um homem está em pé ali, ao lado da porta. É um homem alto, corpulento, e pela postura se trata de um segurança do bar.

Alberto se aproxima dele.

ALBERTO COOPER

Boa noite.

HOMEM

(ríspido/ seco)

Posso ajudar?

ALBERTO COOPER

Gostaria de falar com o dono do bar.

Calado, o homem encara Alberto.

ALBERTO COOPER

Diz que é o Alberto Cooper.

OPORTUNAMENTE, um homem se aproxima de Alberto. Seu nome é FRANCISCO, o dono do bar. É baixo, gordo, com "pinta" de mafioso, usando roupas escuras e jaqueta preta. Um óculos está pendurando na gola da camisa preta. Seus cabelos pintados de preto estão penteados para trás e brilha pelo gel que usa.

FRANCISCO

Alberto, meu caro. O que o trás aqui?

O segurança parece ficar meio sem jeito.

(CONT.)

ALBERTO COOPER

(rindo)

Não é mulher.

Francisco aproxima-se e cumprimenta Alberto batendo em seu ombro.

FRANCISCO

(rindo)

Disso eu sei. Você não gosta de mulher.

Alberto balança a cabeça, aceitando a piada.

Francisco olha para o segurança.

FRANCISCO

Pode "ficar de boa". Alberto é um amigo.

Francisco olha para Alberto.

FRANCISCO (CONT.)

E então, meu caro, em que posso ajudar você? Quem está procurando?

ALBERTO COOPER

Alguém que possivelmente esteve no seu bar algumas vezes.

FRANCISCO

Entendo, meu caro. E o que ele fez?

ALBERTO COOPER

Homicídio. Lembra do JOÃO LOPES?

Francisco forma uma expressão de surpresa.

(CONT.)

FRANCISCO

Não me diga que o filho da puta que matou o João esteve aqui.

ALBERTO COOPER

Sim. Tenho até um retrato dele.

Alberto abre uma folha de papel. A fotografia em 3X4 de Cleison Boyle está impresso no papel. É uma cópia da fotografia que encontraram no cadastro da empresa Meisinger.

Francisco coloca os óculos e analisa com atenção o desenho.

FRANCISCO

(retirando os óculos)

Não me lembro de ter visto alguém parecido. O MARLOM pode ter visto ele. Se é que ele realmente esteve aqui.

ALBERTO COOPER

Ele esteve aqui. Tenho certeza. Quem é o Marlom?

FRANCISCO

O barman. O cara é uma figura. Vou levar você até ele.

CENA 21. INT. BAR. NOITE

21

ALBERTO COOPER e FRANCISCO aproximam-se do garçom MARLOM. Marlom continua no mesmo lugar e serve um copo de bebida para um HOMEM VELHO, com expressão irritada, que está escorado do outro lado do balcão. Esse velho veste roupas sociais, e sua gravata está totalmente solta no pescoço, estando ele visivelmente embriagado.

MARLOM

Diga, chefe. O que precisa?

(CONT.)

FRANCISCO

(batendo no ombro de Alberto)

Meu amigo aqui está procurando uma pessoa. Talvez
você possa ajudar.

MARLOM

(olhando para Alberto)

Quem é a pessoa?

Antes de responder, Alberto cruza um olhar ao redor.

POV DE ALBERTO

Ninguém está por perto além do velho embriagado que continua
escorado no balcão. O velho continua irritado, resmungando
palavras impossíveis de entender e balançando a cabeça, parecendo
inconformado com algo que lhe aconteceu.

VOLTA À CENA

Alberto coloca sobre o balcão o papel com a foto de CLEISON
BOYLE.

ALBERTO COOPER

Esse homem. Lembra de ter visto ele?

Marlom olha para a fotografia e volta a olhar com seriedade para
o rosto de Alberto.

MARLOM

Lembro, sim.

Close na expressão de Alberto. Ele fica surpreso, como se não
esperasse que o garçom relembresse tão rapidamente de ter visto
alguém com semelhanças com a fotografia de Cleison.

ALBERTO COOPER

Quando?

(CONT.)

MARLOM

Ele saiu daqui faz uns 15 minutos.

Francisco observa a expressão de Alberto ficando em alerta. Seus olhos olham rápidos ao redor e voltam a se fixar na face de Marlom.

ALBERTO COOPER

Tem certeza disso?

MARLOM

Tenho. Na verdade nem sei faz 15 minutos.

Alberto volta a cruzar um olhar pelos cantos do bar.

POV DE ALBERTO

Muitas pessoas caminham no interior do bar. Mulheres vestidas com roupas sensuais bebem e riem na companhia de homens. Algumas delas estão sentadas nas pernas dos homens que passam a mão pelo corpo delas. Uma delas ri alto quando um homem coloca a mão por baixo de sua saia curta e aperta sua bunda. Sorrindo, ela finge ficar brava, e dá um tapa de leve em seu rosto, e o homem responde dando um beijo na boca dela.

O olhar de Alberto "foge" da prostituta e o homem e se fixa na expressão de outros homens que estão espalhados pelos cantos do bar. Alguns deles aparentam olhar rapidamente para Alberto (para a câmera).

VOLTA À CENA

Alberto aparenta sentir-se vigiado por Cleison Boyle, o que deveria ser o contrário.

MARLOM (O.S.)

O que ele fez?

ALBERTO COOPER

O quê?... Ah, ele é suspeito de um crime.

(CONT.)

FRANCISCO

(voz cochichada)

Quer que eu peça para fechar o bar? Aí ninguém pode sair.

ALBERTO COOPER

Não. Se ele esteve aqui, ele me viu entrar. Já deve estar longe daqui.

Marlom escuta atentamente as palavras de Alberto.

MARLOM

É. Pode ser mesmo. Achei estranho. Ele tava bem de boa, aí se levantou rápido e foi embora.

ALBERTO COOPER

Você já tinha visto ele antes?

MARLOM

Já, sim. Mas nunca conversei com ele.

ALBERTO COOPER

Nunca conversou?

MARLOM

Nunca. Parecia ser sempre calado... O cara era estranho.

ALBERTO COOPER

Ele vinha muito aqui?

CORTA PARA

No interior de seu carro, CLEISON BOYLE observa a fachada do bar em que estava há poucos minutos.

MARLOM (O.S.)

Não muito. Umas duas ou três vezes, que me lembre.

Cleison retira um cigarro da carteira. Joga a carteira sobre o painel do carro, coloca o cigarro na boca e o acende usando um isqueiro. Em seguida o isqueiro é jogado junto com a carteira sobre o painel do carro.

Cleison dá uma tragada no cigarro.

Alguns minutos se passam.

Cleison continua dentro do carro estacionado há algumas dezenas de metros da entrada do bar.

A sequência anterior se repete quando Cleison acende outro cigarro.

Ele dá uma tragada no cigarro e por um instante seus olhos parecem captar algo que lhe chama a atenção.

POV DE CLEISON BOYLE

Através do para-brisas do carro, Cleison percebe ALBERTO COOPER sair pela porta do bar. FRANCISCO, o dono do bar, está junto de Alberto. Eles se despendem e Alberto caminha até seu carro que está estacionado em frente à entrada do bar. Antes de entrar no carro, Alberto cruza um olhar à sua volta. Segundos depois os faróis se acendem e o carro sai em movimento.

VOLTA À CENA

Close na face de Cleison Boyle.

CLEISON BOYLE

(com voz calma, compassada, ameaçadora)

É isso aí, Alberto, não desista. Você não vai me achar. Sou eu que vou te pegar. E logo.

CENA 23. CHÁCARA. INT. CASA**23**

SÔNIA CARVALHO, a ex-mulher de ANTÔNIO CARVALHO, está sentada em uma cadeira simples, de madeira. Muitos anos se passaram e ela está bem mais velha. Sônia toma café em uma xícara de plástico e assiste um telejornal local em uma televisão pequena e antiga. Um repórter narra alguma notícia referente a algum crime.

POV DE SÔNIA CARVALHO

Na televisão surge uma fotografia de um suspeito. É a fotografia de Cleison Boyle em 3x4.

REPÓRTER

... essa é uma fotografia atual de CLEISON BOYLE, que segundo o delegado MICHAEL SELTZER é o assassino de MANUELE CAVALHAIS e agressor do empresário CLARK MEISINGER. Segundo informações obtidas do investigador responsável pelo inquérito, Cleison é o assassino de JOÃO LOPES, também investigador da polícia civil...

VOLTA À CENA

A voz metálica do repórter diminui e se cala.

A câmera filma o corpo de Sônia sentada na cadeira que fica próxima da televisão e aproxima-se até "focar" em sua expressão tornando-se SURPRESA e APAVORADA.

SÔNIA CARVALHO

Meu Deus! É ele! Só pode ser. Eu... eu nunca esqueceria daquele... rosto.

CENA 24. CHÁCARA. TARDE.**24**

05 DE OUTUBRO DE 2016. QUARTA-FEIRA.

Imagem da uma chácara. É a mesma chácara que pertence a SÔNIA CARVALHO e na qual ALBERTO COOPER e JOÃO LOPES estiveram há alguns anos, enquanto investigavam a morte de RICARDO MEISINGER.

(CONT.)

Um carro se aproxima e estaciona. Em ângulo baixo, a câmera filma quando a porta se abre e os pés de um homem pisam no chão de terra. A câmera sobe até "fechar" no rosto de CLEISON BOYLE.

Cleison fecha a porta do carro e começa a caminhar na direção da casa.

Algum tempo se passa.

Quando Cleison já está próximo da entrada da casa, uma mulher idosa OPORTUNAMENTE sai para fora. É SÔNIA CARVALHO. Ela está vestida com as mesmas roupas da cena anterior, semelhantes às roupas de uma camponesa. Uma saia, camisa simples, botas manchadas de terra e um avental encardido.

Sônia se assusta ao ver Cleison ali, parado, como se o reconhecesse.

Cleison sorri.

CLEISON BOYLE

Bom dia.

SÔNIA CARVALHO

(temerosa, cruzando um olha ao redor)

Bom dia. Eu... eu posso ajudar o senhor?

CLEISON BOYLE

(se aproximando)

Sim. A senhora não se lembra de mim, dona Sônia?

SÔNIA CARVALHO

(mentindo)

Acho... eu não me *alembro*.

CLEISON BOYLE

(abrindo os braços)

Cleison. O filho do Antônio. Seu marido.

(CONT.)

Cleison age com DISSIMULAÇÃO, como se Sônia fosse se animar com a sua presença, sendo que na verdade ele sabe que ela sentirá medo com a sua presença.

Por sua vez, Sônia finge relembrar, mas parece ficar com medo e FINGE com um sorriso cheio de pavor.

SÔNIA CARVALHO

Ah. Me alembrei.

Cleison se aproxima.

CLEISON BOYLE

Tava passando por aqui. Então...

Cleison olha para a face de Sônia. Ela parece sentir medo e ele percebe isso.

CLEISON BOYLE (CONT.)

E... me deu vontade de tomar um café.

SÔNIA CARVALHO

Café?

CLEISON BOYLE

É. E conversar sobre meu pai. Afinal, você é a única pessoa que sei que conheceu ele.

Sem ser convidado, Cleison entra na casa. Com medo, Sônia olha ao redor e, contra a vontade, entra na casa.

CLEISON BOYLE entra na casa. SÔNIA CARVALHO entra logo em seguida. O cômodo se trata de uma cozinha simples, com um fogão à lenha e um fogão a gás pequeno, ambos próximos de uma pia. Há também uma mesa de madeira com algumas cadeiras e um pequeno armário com uma televisão, a mesma TV em que Sônia assistiu a notícia sobre os assassinatos praticados por Cleison Boyle. Em um dos cantos há um antigo sofá de dois lugares.

Sônia aproxima-se do fogão e acende uma válvula. Em cada ação praticada por ela é perceptível o medo que ela tenta INUTILMENTE disfarçar.

Sônia apaga a válvula que acabara de acender e sorri, com nervosismo.

SÔNIA CARVALHO

Ah, esqueci de encher a chaleira.

Em pé próximo da porta, Cleison observa atentamente cada passo de Sônia.

Na pia próxima do fogão, Sônia enche uma chaleira com água e volta para o fogão. Sua mão treme enquanto segura a chaleira. Ela acende novamente a válvula e coloca a chaleira sobre a chama.

Sônia olha para Cleison e percebe que esse observa cada movimento com um sorriso SÁDICO nos lábios, UM SORRISO QUE PARECE DIZER: "NÃO ADIANTA DISFARÇAR, EU SEI QUE VOCÊ SABE DO QUE FIZ E TÁ COM MEDO".

CLEISON BOYLE

Não imagino como consegue viver sozinha aqui?

A pergunta de Cleison parece incutir mais medo em Sônia. Antes de responder, ela olha para trás do sofá, para um local que fica fora do alcance dos olhos de Cleison.

POV DE SÔNIA

Uma espingarda calibre 12 está encostada no sofá.

O olhar de Sônia "desvia" da espingarda para a cintura de Cleison, onde o cabo de uma possível arma é perceptível abaixo da camisa.

(CONT.)

VOLTA À CENA

SÔNIA CARVALHO

(aproximando-se do sofá)

Não moro sozinha. Vivo eu e Deus aqui.

CLEISON BOYLE

Que bom. Nada melhor que Ele para proteger a gente.

Silêncio.

Sônia senta-se no sofá, fingindo estar descontraída.

SÉRIA DE PLANO

- A. Sônia deixa sua mão cair para fora do sofá. Sem que Cleison perceba, ela apanha a arma.
- B. Close nos olhos de Cleison.
- C. Sônia sorri. Ela está soando de tão nervosa que está.
- D. Cleison apalpa a sua cintura. Parece pressionar o cabo de uma arma.
- E. TRÊMULA, a mão Sônia segura a arma. Olhando para o rosto de Cleison, ela finge um sorriso tenso.
- F. Cleison responde com outro sorriso.
- G. Num ação rápida, Sônia leva a arma para frente, na intenção de disparar contra Cleison. Mas atrapalha-se e deixa a arma cair no chão.
- H. Cleison, COM CALMA, observa quando Sônia, apavorada, se joga no chão para apanhar novamente a arma.

CLEISON BOYLE

(sacando de uma arma que estava presa à sua cintura)

Ah, então é assim que você me recebe em sua casa.
Assim fico triste.

SÉRIE DE PLANOS

- A. Ele mira a arma contra o rosto de Sônia enquanto ela, toda atrapalhada pelo medo que sente, apanha a arma e tenta fazer novamente a mira.
- B. Cleison atira.
- C. O tiro atinge o rosto de Sônia de raspão. A velha geme e atrapalha-se novamente com a arma.

(CONT.)

D. Após ter atingido o rosto de Sônia, O PROJÉTIL ATINGE A LATERAL DO FOGÃO.

CLEISON BOYLE

(sorrindo com sarcasmo)

Ah! Errei!

POV DE SÔNIA

Cleison mira a arma novamente, sorri e dispara.

Clarão de luz.

A imagem se apaga.

CENA 26. CHÁCARA. DIA

26

Uma pá termina de cobrir um buraco (sepultura) com terra.

Segurando a pá, CLEISON BOYLE seca o suor da testa. Ele acabara de enterrar o corpo de SÔNIA CARVALHO.

CLEISON BOYLE

(com frieza e naturalidade)

Terminei. Agora preciso de um banho.

CENA 27. CHÁCARA. INT. CASA. DIA

27

CLEISON BOYLE está abaixo do chuveiro. Água cai sobre seus cabelos e fica "escura" de tinta, caindo no chão e escapando pelo ralo.

Cleison fecha o registro e a água do chuveiro é interrompida.

Com uma toalha, Cleison seca os cabelos e em seguida olha para seu reflexo no espelho.

Ele está totalmente diferente, com os cabelos pintados de loiro.

(CONT.)

INSERT:

Imagem da embalagem de tinta para tingir cabelos no lixo do banheiro.

VOLTA À CENA

Cleison coloca um óculos de lentes transparentes, apanha um chapéu panamá e coloca sobre a cabeça. Ele sorri para seu reflexo. Está irreconhecível, totalmente diferente do Cleison Boyle de minutos atrás, estando mais parecido com um turista americano.

CENA 28. CHÁCARA. INT. CASA. NOITE

28

Com a aparência diferente, CLEISON BOYLE come um sanduíche caseiro enquanto assiste a um telejornal transmitido na pequena televisão sobre o armário.

REPÓRTER

Há 18 dias um crime envolvendo uma garota de programa que foi trucidada em uma suíte de motel impressionou a todos que leram ou assistiram sobre o caso. MANUELE CAVALHAIS acompanhava o empresário CLARK MEISINGER quando foi assassinada. Um crime que ainda não teve respostas dos investigadores responsáveis pelo inquérito. Inclusive, um deles foi assassinado pelo mesmo criminoso há poucos dias...

Cleison Boyle sorri.

CLEISON BOYLE

É, senhor Clark, acho que você já sofreu o bastante. Acho que tá na hora de descansar um pouco.

Com os olhos fixos na televisão, Cleison dá uma mordida no sanduíche.

CENA 29. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA. DIA**29**

07 DE OUTUBRO DE 2016. SEXTA-FEIRA.

Com os cabelos tingidos e óculos de lentes transparentes, CLEISON BOYLE se passa por amigo de CLARK e entra na clínica.

Cleison está caminhando ao lado da ENFERMEIRA LOURDES por um corredor até chegarem à porta que dá para um local onde os pacientes da clínica passam o tempo.

Enquanto caminha, Cleison sorri carismaticamente, atuando perfeitamente como um homem bom e educado, vestido com elegantes roupas sociais, como um moderno publicitário.

ENFERMEIRA LOURDES

Que bom que você veio, SENHOR MÁRIO. O coitado nunca recebe visitas.

CLEISON BOYLE

Eu não consegui vir antes porque estava viajando. Quando soube sobre o que aconteceu, não consegui acreditar. Fiquei chocado.

ENFERMEIRA LOURES

É triste. Uma monstruosidade.

CLEISON BOYLE

Ninguém veio ver ele?

ENFERMEIRA LOURES

A esposa dele. "Uma única" vez.

CLEISON BOYLE

Que triste.

Uma garota se apressa em se aproximar de onde Cleison e Lourdes estão. É a recepcionista da clínica, e ela sorri ao se aproximar.

(CONT.)

RECEPCIONISTA

Senhor MÁRIO, o senhor se esqueceu do seu crachá na recepção.

Cleison apanha o crachá que a recepcionista o entrega.

CLEISON BOYLE

(sorrindo com frieza e dissimulação)

Nossa! Desculpe-me. Ando muito distraído ultimamente.

A recepcionista sorri e se afasta.

A enfermeira Lourdes abre a porta.

ENFERMEIRA LOURDES

Lá está ele. Sempre calado. No mesmo lugar em que deixei há duas horas.

POV DE CLEISON BOYLE

CLARK está sentado em sua cadeira de rodas. O local se parece muito com um pomar, com bancos de madeira espalhados e árvores de pequeno porte aos fundos, ensombrando um pequeno tapete de grama. Alguns pacientes estão espalhados pelo ambiente.

ENFERMEIRA LOURDES (O.S)

Vai, senhor Mário. Converse um pouco com ele. Só me faz o favor de não perder o crachá como fez com seus documentos.

CLEISON BOYLE

(sorrindo)

Não. Isso não pode acontecer. Aí ninguém poderá saber que eu sou.

ENFERMEIRA LOURDES

E me desculpe por barrar o senhor na recepção. O senhor sabe, né? Hoje me dia todo o cuidado é pouco.

(CONT.)

CLEISON BOYLE

Que nada! Não se preocupe com isso. A senhora fez o que deveria ser feito. A segurança deve estar sempre me primeiro lugar.

ENFERMEIRA LOURDES

Que bom que pensa assim. Até mais senhor Mário.

Cleison sai do corredor, entrando no ambiente de descanso dos pacientes da clínica. A porta se fecha e ele sorri de uma forma sádica, olhando para Clark.

CENA 30. INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA. BOSQUE

30

CLEISON BOYLE se aproxima de CLARK MEISINGER.

O olhar de Clark parece distante, como sempre.

Sempre sorrindo, CALMO, Cleison se aproxima e fica em frente à cadeira de rodas em que Clark está sentado.

CLEISON BOYLE

(inclinando-se para olhar diretamente para o rosto de Clark)

Olá, Clark, lembra de mim? Nossa! Como você está horrível, meu caro!

Clark não reage.

Cleison recobra a postura e começa a empurrar a cadeira de rodas de Clark.

CLEISON BOYLE

(empurrando a cadeira de rodas)

Nossa, meu amigo! Foi tão fácil entrar aqui. Eu entendo o porquê. É que ninguém se importa com você. Verdade. Depois do que aconteceu com você, ninguém pediu para te proteger aqui dentro. E logo o dono da Meisinger. Sabe de uma coisa? Eu sou um assassino. Gosto de matar. Mas não matei meu pai. Matei pelo meu pai.

(CONT.)

Alguns segundos se passam.

Os dois chegam ao pomar, próximo de uma árvore.

Cleison para de empurrar a cadeira de rodas e se coloca em frente o rosto de Clark.

CLEISON BOYLE

(olhando nos olhos de Clark)

Você não. Você fez o contrário. Você me pagou para matar seu próprio pai. Agora reflita. Quem é o monstro da história?

Os olhos de Clark captam a tatuagem no pulso de Cleison e seus olhos ficam cheios de pavor, mas ele não grita, como se estivesse amordaçado. Os olhos de Clark choram. Ele fica agitado e Cleison sorri com "falsa amabilidade".

CLEISON BOYLE

Acho que agora sabe quem sou.

Cleison olha ao redor.

POV DE CLEISON

Não há ninguém por perto. Apenas alguns pacientes com problemas psicológicos que não representam perigo, a maioria sob efeito de medicamentos.

VOLTA À CENA

CLEISON BOYLE

Nossa! Ta ficando frio aqui! Mas eu trouxe uma coisinha pra você, meu amigo.

Cleison retira um CACHECOL VERMELHO. Carinhosamente para que ninguém perceba, ele envolve o pescoço de Clark com o cachecol.

A expressão de Clark está apavorada e de seus olhos saem lágrimas que molham sua face.

Cleison gira a cadeira de rodas para que Clark fique de frente a um pequeno jardim, onde não há ninguém.

Cleison retira um punhal fino e ponteagudo da cintura.

(CONT.)

Ele sorri.

CLEISON BOYLE

Adeus, meu amigo. Hora de descansar.

Cleison perfura o pescoço de Clark com o punhal.

O cachecol envolto no pescoço de Clark impede que o sangue espirre da artéria, mas não impede que o sangue escorra pelo cachecol e pela blusa.

Os pés de Clark se batem e suas mãos, TRÊMULAS, seguram as mãos de Cleison.

Cleison se livra COM FACILIDADE das mãos de Clark.

Desesperado, uma das mãos de Clark segura o cabo do punhal, mas não o retira do pescoço.

Cleison começa a se afastar de Clark, com frieza e um sorriso no rosto.

Os pés de Clark param de se bater.

Com a mão segurando o cabo do punhal encravado no pescoço, Clark dá seu último suspiro e morre.

CENA 31. INT. CLÍNICA PSIQUIÁTRICA.

31

CLEISON BOYLE chega à recepção da clínica. A ENFERMEIRA LOURDES está conversando com a RECEPCIONISTA e sorri ao ver Cleison se aproximar.

ENFERMEIRA LOURDES

SENHOR MÁRIO, e então, como foi? Como ele está?

CLEISON BOYLE

Está bem. Parece que entendeu o que eu disse. Mas não reage com palavras. Parece que ficou feliz em saber que VAI VOLTAR PRA CASA AMANHÃ.

(CONT.)

ENFERMEIRA LOURDES

É. Infelizmente, não temos muito o quê fazer com ele aqui. Provavelmente ele se recupere melhor estando em casa. Só tem um problema.

CLEISON BOYLE

Não conseguimos falar com a esposa dele. Que irá cuidar de Clark?

CLEISON BOYLE

Não se preocupe. Vou ver se falo com ela hoje. Coitada. Ela me disse que não veio ver ele mais vezes porque não suportava vê-lo assim, debilitado.

ENFERMEIRA LOURDES

É mesmo? Ela não comentou nada comigo. Afinal, porque comentaria se nem me conhece.

Por uma única vez, a enfermeira Lourdes forma uma expressão desconfiada, analisando o rosto de Cleison.

ENFERMEIRA LOURDES (CONT.)

Aliás, como é mesmo o nome dela?

O sorriso de Cleison se fecha e, por alguns segundo, causa a impressão de que sua mentira será descoberta.

MAS CLEISON VOLTA A SORRIR.

CLEISON BOYLE

Bruna Lewis.

A expressão desconfiada da enfermeira Lourdes se desfaz e ela sorri.

ENFERMEIRA LOURDES

Ah, é isso mesmo. Bruna.

(CONT.)

Algum tempo se passa.

INSERT:

Alguma funcionária da clínica se aproxima de Clark e se apavora ao vê-lo morto em sua cadeira de rodas.

Com os olhos apavorados fixos em Clark, a funcionária recua alguns passos e sai correndo na direção da recepção.

VOLTA À CENA

Com IMPRESSIONANTE frieza, Cleison sai pela porta da frente da clínica.

Ele apressa os passos e entra no carro que está estacionado em frente à clínica.

INSERT:

O carro de Cleison sai em movimento e adquire velocidade, desaparecendo ao longo da rua.

VOLTA A CENA

Na recepção, a enfermeira Lourdes olha para o lado ao perceber a funcionária que encontrou Clark morto se aproximar correndo, com a expressão apavorada.

FADE OUT.

THE END